



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



REVERBERANDO O LUGAR DA PEQUENA CRIANÇA NEGRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um diálogo possível através do projeto: Africanidades e Brasilidades

Marivania Xavier C. Costa, Lorryne Karita, Guilherme V. Fontoura.

marivaniacavalcanti@yahoo.com.br

TransNegressão-FACIP/UFU, E. M. P. Camilo Chaves Júnior,

RESUMO

O presente trabalho tem por intuito descrever o desenvolvimento do Projeto, Africanidades e Brasilidades: a ancestralidade a partir da ludicidade em lugares de resistências de Ituiutaba-MG. Esse projeto será aplicado com crianças na fase Pré- escolar entre quatro e cinco anos em torno de 230 crianças e com 35 crianças de maternal, tendo como objetivo geral contextualizar diálogos da lei 10.639/03 e do parecer nº 5 de 17 de dezembro de 2009 nos espaços de educação infantil envolvendo as crianças no entendimento conceitual e histórico da participação africana na construção da sociedade brasileira, promovendo ações que permitam uma educação que oportuniza os alunos uma aproximação a lugares de resistências ancestrais de forma positiva desconstruindo a visão estereotipada sobre a história do grupo racial negro que se ensina na escola, em particular da referida cidade. A construção do Projeto ocorreu a partir das discussões tecidas no curso de formação de professores para a educação das relações étnico – raciais oferecido pela Secretaria Municipal de Educação e Superintendência Regional de Ensino de Ituiutaba em parceria com a Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Do ponto de vista metodológico utiliza-se a etnografia para reflexão e como aporte para o desenvolvimento da história e cultura africana e afro-brasileira nas ações educativas que propiciem interação a experiência completa do momento oferecido, associando o ato, o pensamento e o sentimento, garantindo o interesse, o fazer, o sentir, o observar, o aprender e o conhecimento que as Africanidades proporcionam. É nesta direção que as provocações do projeto se alicerçam para construção de um novo diálogo. Um diálogo onde todas as vozes serão ouvidas, outras histórias serão contadas e vividas, pois na educação infantil aprende-se realmente o que se vive, e muito pouco o que se ouve falar.

PALAVRAS CHAVES: Ludicidade. Educação Infantil. Africanidades¹. Lugares de resistência.²

INTRODUÇÃO

Neste ano de 2018 fazem 15 anos de promulgação da Lei Federal 10.639/03, complementada pela Lei Federal 11. 645/08. Nesse espaço tempo podemos notar a publicação



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



de vários artigos pesquisas e produções literárias que trazem propostas de discutir e fomentar a educação das relações raciais vivenciado pelo sujeito negro ou indígena no espaço da sociedade brasileira. Essa pesquisa vem, ora em forma de denúncias, ora como formas de positivar trabalhos que conseguem provocar rupturas e tensões no combate ao racismo, preconceito e discriminação que ainda é tão vivo em nosso país. Entretanto, apesar desse visível crescimento em publicações e ações de combate, ainda se faz necessário continuarmos a luta pela extinção deste mal que ainda assola a construção das relações sociais no solo brasileiro ou mesmo do mundo inteiro.

A frase a “educação muda o mundo” parece clichê, mas de fato é provocativa e trás implícito uma premissa. Conhecimento é poder e detê-lo é um dos caminhos para o rompimento da cegueira a qual a manipulação do poder nos centra. Conhecimento gera transformação e transformação muda o seu entorno. E este deve ser o papel das Instituições de ensino criar uma perspectiva de ensino que contemplem o conhecimento e a partir da qualidade do que se ensina tencionar o que precisa ser tencionado, colaborar para que as outras epistemologias de saberes ganhem espaços no chão da escola. É talvez, este olhar que as referidas leis tencionam, propõe uma (re) educação na forma de agregar das contribuições africana e indígena no campo de saberes, criar diálogos epistemológicos com suas sabedorias, seja dialogando com a ancestralidade ou com as novas formas de se (re) inventar, de fazer e produzir conhecimentos. O que dever ser elaborado em todas as esferas onde se produz conhecimento.

Nesse sentido, pensar novos embates educativos é também buscar novas formas de se pensar os fazeres e práticas do cotidiano da escola. Provocar a interculturalidade dos saberes em movimentos que a cultura africana, afro-brasileira e indígena pode dialogar ou mesmo romper com o que já está posto. Nessa perspectiva dialógica de desconstruir para reconstruir, de tencionar para provocar, de reeducar para educar, nenhuma esfera considerada lócus de produção do conhecimento deve permanecer distante destes embates teóricos, nem mesmo a Educação Infantil.

As crianças da Educação infantil também são atingidas por uma educação excludente e preconceituosa, não existe uma redoma que as protegem das mazelas do racismo. Elas também estão expostas a conflitos gerados pela socialização, pela falta de estrutura de qualidade, pela falta de políticas públicas, pelos silêncios de conflitos inter-raciais.

Para Eliane Cavalleiros silêncios que habitam a temática étnico racial nas



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



instituições infantis é um grande colaborador da permanência do preconceito e da discriminação que levam as crianças negras a sofrerem caladas e as crianças brancas a crescerem tendo uma visão hegemônica de seu grupo. Ressalta ainda que no cotidiano da Educação Infantil a expressão verbal esconde dois sentidos implícitos ou explícitos no falar e a não verbal (silêncio) é rica portadora de mensagens que tanto servem para estimular a participação das crianças quanto para diferenciar o lugar de ocupação delas. Entretanto, não podemos afirmar que todas as crianças conseguem captar as mensagens contidas em olhares, gestos, e atitudes realizados nas escolas. Mas podemos afirmar que o não verbal no cotidiano escolar expressa tanto o tipo de relacionamento aceito e valorizado quanto o não aceito, não valorizado e desejado e não desejado. (Cavalleiro, 2000).

Nesta mesma linha de pensamento entre omissão e silêncios, Jeruse Romão alerta para falta de despreparo do professor que não consegue ainda fomentar os diálogos reflexivos e a própria instrumentalização da escola que muitas vezes não possui equipamento, onde a verba pública não encontra caminhos certos para chegar, falta de referências positivas, livros didáticos carregados de estereótipos, faltam livros de literatura afro-brasileira e africanas nas bibliotecas e bonecas e bonecos negros nas salas das brinquedotecas.

Para Freitas (2006), as instituições de educação infantil, ainda apresentam uma dificuldade de relacionar a temática negra em seus eixos formadores, seus currículos e suas propostas pedagógicas ainda se amarram a uma concepção representativa e ideológica do branqueamento.

O que leva as crianças negras a terem sua identidade racial e a sua cultura, história e estética desrespeitada e desvalorizadas pela instituição educacional que as invisibiliza com a falta de imagens e figuras de personagens pretos e pardos nos cartazes e murais do pátio às salas de aula que afirmem positivamente a população negra, em que a maioria das representações são brancas e loiras, em um currículo e a uma prática pedagógica que não contemplam a diversidade étnico-racial. (Freitas, p.48, 2006).

fato que a Lei Federal 10.639/03 não contempla sua redação a obrigatoriedade de inserção da temática negra no chão dos espaços formativos das IEIS (rodapé). Mas hoje esta lacuna se encontra preenchida por vários aportes que direcionam a obrigatoriedade dessas discussões no espaço da educação infantil. Entre elas a resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, que estabelece Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil nos seus Artigos 6ª e 7ª articula a obrigatoriedade da temática racial. No artigo 6ª refere-se às propostas curriculares de Educação Infantil observando os seguintes princípios: éticos, da autonomia, da



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



responsabilidade, da solidariedade, e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades; e Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais. Já o Artigo. 7º chama atenção para a garantia de que sejam cumpridas plenamente suas funções sociopolítica e pedagógica, construindo novas formas de sociabilidade e subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa e reconhece a importância de ensinar desde cedo a valorização, o respeito e a interação das crianças com a história e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação.

Outra mudança na legislação para as relações étnico-raciais na educação é a lei 12.796, de quatro de abril de 2013 que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394. Essa nova lei colocou como princípio do ensino “consideração com a diversidade étnico-racial” e incluiu a pré-escolana educação básica, tornando a educação de quatro (quatro) a 17 (dezessete) anos obrigatória. Com efeito, a diversidade étnico-racial é um princípio também da educação infantil. (Freitas, p. 47, 2006).

Nesse sentido, esta alteração reconhece que as formas de dominação e poder habitam neste espaço de infâncias, é um espaço mediado também pelos conflitos inter-raciais que ali se sociabilizam e por isso mesmo precisam ser combatidas de forma reflexiva e contextualizada para que não se reproduza ou mesmo se silencie levando milhares de crianças que ali ocupam como educandos a interiorizarem uma visão deturpada do outro.

Discutir temática racial nestes espaços permite tensionar o lugar das crianças pequenas negras neste espaço, permite reverberar sua presença como um lugar onde sua cor, sua pele, seu cabelo, seus traços, enfim, seu pertencimento étnico-racial, seja protagonizado como elementos produtores de saberes neste espaço institucional. Educação não é um processo apático, educar é um processo de suma complexidade, seu ensino agrega valores sociais, políticos, culturais e até subjetivos, que vão moldando ou produzindo o acontecer do sujeito. A educação precisa pensar o plural trazendo as contribuições da diversidade que ali já acontece e aflora. Mas infelizmente, a escola ainda se encontra presa à crença de que a função da escola está reduzida à transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, como se estes pudessem ser trabalhados de maneira desvinculada da realidade brasileira (Gomes, p.146,2005).

No entanto, há uma necessidade de abrir terreno, para que na educação, a discussão



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



teórica e conceptual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas que pudessem construir experiências de vivenciar, analisar e propor estratégias intervenção que tenha a valorização da cultura negra e a eliminação de práticas racistas como foco central.

Assim valendo da reflexão das pesquisadoras Cavalleiro (2000, 2001), Romão (2005), Gomes (2005) e Freitas (2006) propomos a implementação do projeto de intervenção intitulado Africanidades e Brasilidades: a ancestralidade a partir da ludicidade em lugares de resistências de Ituiutaba- MG. Em uma escola de educação infantil. O projeto foi projetado através da interlocução com lugares marcadamente de raízes da cultura brasileira, permeados de saberes ancestrais de africanos com ascendência da comunidade negra da cidade de Ituiutaba.

Estes lugares assim denominado por Petronilha Gonçalves como africanidades são lugares carregados de experiências, de história, de afetividade, de identidade, de coletividade que (re)existem e (re) inventam o tempo todo, que podem favorecer uma construção positiva na evolução de uma proposta pedagógica de movimento entre o respeito pelo o que é seu (raiz) e o conhecimento que se produz na escola (quase sempre o mesmo). Emancipar o olhar, para a riqueza que se constrói fora do currículo imposto, trazer para o espaço educativo tradições carregadas de saberes que possam tornar ferramentas na desconstrução da lógica preconceituosa, criando uma perspectiva metodológica afro-brasileira, principalmente na educação infantil, pois na nossa perspectiva esta fase é uma fase que precisa ser mais olhada e evocada por políticas públicas, pois é nesta fase que as subjetividades vão se formando, vão sendo moldada ou vão sendo configurada ou desconfigurada dependendo do poder da imagem que se quer trabalhar, contribuir tanto para afirmação, quanto para estigmatização das identidades no espaço da escola.

DESENVOLVIMENTO

PÚBLICO –ALVO

O Público alvo deste projeto serão 230 crianças em fase Pré- escolar da Escola e 35 do maternal. Para a compreensão dessa faixa etária, este projeto argumenta que pensar a criança pequena negra na escola, significa reeducar o olhar de quem a cuida e educa. O fazer da educação infantil requer um movimento de interação entre esse cuidar e o educar na construção



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



de uma vivência integral, que deve ser enriquecida pela ludicidade do que é próprio delas. Assim, a ludicidade que permeia a cultura africana em nosso dia a dia foi o eixo norteador da construção do sentimento de afetividade que se desejou construir com as crianças no entendimento conceitual e histórico do lugar de resistência, como um lugar de lutas, de histórias, de ancestralidade e que também é construído de vivências culturais da cultura brasileira a qual estão inseridas. Levando-as a percepção que foi construída a partir de sentimentos da coletividade de se ressignificar lugares comuns a várias pessoas onde a relação social vivida por determinado grupo cria empatia, evolui em formas de experiências, do cuidar de si, do coletivo e do lugar como afeto, pois afetividade do lugar “é algo construído pelas relações sociais entre as pessoas em um determinado espaço, criando sentimentos, histórias, vínculos” (Milton Santos, 2002).

Nesse sentido de se criar vínculos entre a historicidade que carrega os lugares de africanidades e o pertencimento das crianças pequenas negras a estes lugares que lhes fazem sentidos fora do espaço escolar, trazê-los para o chão da escola com a dinâmica do saber que evoluem destes lugares, fomentando uma perspectiva metodológica de positividade, onde as crianças pequenas negras sintam seu jeito de ver, de existir, de ser e fazer, de produzir saberes, construindo lugares de fala e de existência na escola.

AS ATIVIDADES E SUAS ESTRATÉGIAS

Diante da importância do projeto em construir novas formas epistemológicas de ver a criança pequena negra nos espaços da Educação Infantil, não como uma imagem negativa, mas como autoafirmação e também como forma de pensar outros sentidos de práticas pedagógicas que precisam ser vivenciadas, no chão da escola que também podem ser delas, constituíram-se etapas desse projeto:

1ª ETAPA: Apresentação do projeto à comunidade escolar e organização dos trabalhos.

Por meio de uma reunião pedagógica, marcada com antecedência será apresentado o projeto de intervenção às duas escolas em momentos separados. Todos os sujeitos que compõem a escola serão envolvidos no processo de implementação do projeto: Equipe gestora, professores, funcionários administrativos, pais e alunos. Durante a explanação do projeto será enfatizado



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



seus objetivos, justificativa e importância deste para eliminação dos processos de discriminação e preconceito no entorno da escola. Também foi pensado um cronograma e planejamento para realização das atividades,

2ª ETAPA: Instalação de Cenário da Congada

Para o envolvimento das crianças e pais o grupo elegeu a congada como primeira ação desencadeadora do projeto. Uma por ser uma raiz fortemente da Diáspora Ituiutabana e por ter uma forte presença lúdica. Assim, algumas ideias foram sendo anotadas como roteiro de proposta de atividades:

- Fazermos uma **Instalação de Cenário da Congada** dentro da escola. Nesta exposição utilizaremos (vários adereços, roupas, instrumentos musicais, fotos, tecidos, pinturas, bandeiras, cores). O intuito é envolver e despertar o interesse dos pais e das crianças pelo poder das imagens e do olhar e posteriormente anotando as reações e narrativas delas pelos objetos expostos.
- **Em relação aos pais:** Se perguntando que se trata a cena instalada, se tocam os objetos, se já viu em algum lugar, se perguntam o que representam olham com desconfiança, se eles envolvem com os filhos na curiosidade de olhar os instrumentos e fotos, se alguns tocam no fato da religiosidade que envolve a prática da Congada, se se posicionam a favor ou contra, etc.
- **Em relação às crianças:** Se alguma criança tiver visto tais objetos, onde viram, se perguntam para que servem as roupas ou instrumentos, o que chamou mais a atenção das crianças, que tipo de sentimentos foi despertado (risos, admiração, beleza, estranhamento, etc.).
(Alguma criança interessou em experimentar os trajes ou de tocar os instrumentos). Que detalhes da iconografia da congada eles conseguem perceber?
- Quais as impressões dos professores?
- Para sala: Elaboramos um roteiro de perguntas para serem efetivados pelas professoras em sala e assim estabelecerem um diálogo possível e captarem suas hipóteses e impressões a respeito do tema através de registro escrito de



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



suas impressões verbais. O QUE PENSO SOBRE CONGADA... (as músicas, pinturas, congada, cores, Moçambique, os instrumentos, os trajes, as danças).

- 1- O que acharam dos objetos exposto lá fora?
- 2- O que mais gostaram?
- 3- Já tinham visto em algum lugar?
- 4- Sabe como chama a dança das fotos?
- 5- Alguém sabe onde acontece?
- 6- Tem alguma criança que faz parte da Congada?
- 7- Criança pode participar?

Depois do levantamento das hipóteses passarem a intervenção “conhecimento”.

3ª ETAPA: Imersão no ritmo da congada

Nesta atividade será proposto imersão participativa das crianças na iniciação do ritmo da Congada por meio de instrumentos musicais. Serão escolhidas algumas que já fazem parte do universo simbólico da escola e que as crianças já cantam de cor. Também serão músicas escolhidas foram “Ta caindo Fulô” que já é uma canção tradicional da Congada m Ituiutaba – MG e uma releitura dos Escravos de Jó para “Guerreiros de Jó”. A intenção da desconstrução

levar as crianças a pensarem sobre o sentido do ser escravo e do ser guerreiro. Também será realizada uma oficina de instrumentos de percussão para que as crianças entendam a diferença dos ritmos da congada e do Moçambique.

4ª ETAPA: Vivência lúdica por maio da Congada Trança- Fitas, Músicas, Griôs, etc.

Para esta atividade será convidados ternos na região para fazerem uma apresentação no recinto da escola. Por meio de essa apresentação envolver as crianças no movimento corporal e sentimental, despertando afetividade pela cultura que se faz presente em nosso entorno. O momento também será fará propício para o enriquecimento de saberes, trocas de informações e rodas de conversa.

5ª ETAPA: Intercâmbio cultural e Excursão

Será promovida uma excursão a territórios de resistências materiais, tais como: A Praça 13 de Maio e seu memorial Zumbi dos Palmares, a Galeria de personalidades importantes da



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL

X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



comunidade negra – biblioteca Solano Trindade localizada na Fundação Municipal Zumbi dos Palmares (FUMZUP), a Escola Municipal Machado de Assis, a Igreja São Benedito, O Clube Palmeiras, a Biblioteca Solano Trindade, o Bairro Junqueira.

6ª ETAPA: Valores civilizatórios com o Grupo de Dança Afro e Roda de Samba.

A música e a dança expressa grandes aprendizados e é uma ótima ferramenta para o desenvolvimento de crianças pequenas, seja na oralidade, na corporeidade, na forma circular de se ver e organizar. Aqui as crianças participarão de uma roda de samba e dança afro, sendo imersos no sentido de que esses dois movimentos culturais abordam de africanidades, objetivando a identificação da cultura africana.

7ª ETAPA: Oficinas de brinquedos e brincadeiras africanas

Nesta atividade as crianças e pais confeccionarão brinquedos e participarão de brincadeiras de origens africanas com alunas da turma de pedagogia da UEMG. A intencionalidade da atividade é proporcionar o resgate e construir com as crianças sentidos de brincar e interagir com outras culturas.

8ª ETAPA: Confecção de diário de bordo, portfólios, fotos e filmagens.

Propõe-se a construção de várias formas de registro como formas de captar o envolvimento nas atividades proporcionadas. Estes registros serão feitos por meio de portfólio, diários de bordos dos encontros realizados nos momentos de planejamentos, por fotos e filmagens.

9ª ETAPA: Avaliação

Quanto à construção de avaliação do Projeto algumas perguntas norteadoras servirão para pontuar o levantamento de dados sobre os avanços e dificuldades encontrados no desenvolvimento das etapas do projeto, a desconstrução da ideia folclorizada das africanidades, a mudança de atitudes preconceituosas e estereotipadas e examinar a possibilidade de torná-lo uma prática curricular da escola sendo elencado no Projeto Político Pedagógico (PPP).

- Como foi o processo de apresentação do projeto e projeção do tema para as famílias e profissionais da escola?



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL
X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS



mundo melhor. (Org.) CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo- Summus, p. 141- 160, 2001.

_____ Considerações sobre a etnografia na escola e prática investigativa sobre as relações raciais e de gênero. **METODOLOGIAS DA PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO.** 3ª Ed. –Petrópolis- RJ: 2018

COELHO, W. N. B. De; SOARES, N. J. B. (Orgs.). **VISIBILIDADES E DESAFIOS: estratégias pedagógicas para abordagem da questão étnico-racial na escola.** Belo Horizonte; Mazza edições, 2011.

FREITAS, L. T. M. Qual o lugar da criança negra na sociedade brasileira?. **Scientia Tec: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia do IFRS – Campus Porto Alegre, v.3, n.2, p:39-52, jun./dez 2016.**

HENGLER, C. I. O. de O; SALVADOR, M. A. **QUILOMBOS URBANOS: A RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA NAS FAVELAS DE SÃO PAULO**– UNIFLA. Ed. revista eletrônica. Miracatu – SP.

LUCKESI, C. C.. **Ludicidade e atividades lúdicas: uma abordagem a partir da experiência interna,** Coletânea Educação e Ludicidade – Ensaio 02, GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, pág. 22 a 60. Educação e Ludicidade. Ensaio, Salvador, Bahia, n.02, p. 22-60, 2002.

MASSA, Monica de Souza. **Ludicidade: da Etimologia da Palavra à Complexidade do Conceito.** Consulta internet- 15/06/2028

ROMÃO, J. O educador, a educação, e a construção de uma autoestima positiva no educando. (Org.) CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.** São Paulo- Summus, p. 161-178, 2001.

SANTOS, M. **DA TOTALIDADE DO LUGAR** . 2002. Ed. EDUSP.

SILVA, P. B. G; MONTEIRO, H. M. Combate ao racismo e construção de identidades. In: ABRAMOWICZ, A.& MELLO, R.R (Orgs.). **Educação: Pesquisa e Práticas.** Campinas.Papirus. 2000. P. 75-99.

SILVA, P. B. G. e. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. **SUPERANDO O RACISMO NA ESCOLA.** (Orgs.). Brasília- Mec./Secad, p-155-172, 2005.

TRINDADE, A. L. de. **Valores Civilizatórios na Educação Infantil.** A Cor da Cultura. Rio de Janeiro- Fundação Roberto Marinho, 2006.



III CONGRESSO ÉTNICO-RACIAL
X SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES
ÉTNICO-RACIAIS E AÇÕES AFIRMATIVAS

